



Desafio é voltar a crescer

■ Economistas apontam política de juros altos praticada pelo governo como principal entrave

CRISTINA ALVES E SONIA JOIA

Estabilizar a taxa de inflação na casa de 1% ao mês e acumular volume recorde de reservas em dólares não são medidas suficientes para garantir o futuro do Real. O maior desafio do governo, hoje, é encontrar uma saída para que a economia volte a crescer.

A retomada do crescimento com a redução das taxas de juros e a recuperação do emprego no país foram os principais temas da discussão dos economistas Edward Amadeo, da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio); Carlos Ivan Simonsen Leal (Fundação Getúlio Vargas-FGV); Paulo Guedes, diretor do Banco Pactual; Aluísio Teixeira e Reinaldo Gonçalves, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), que participaram do Balanço Mensal promovido pelo JORNAL DO BRASIL.

O professor Edward Amadeo afirma que o governo está de mãos atadas. Se ele mantiver a lógica que tem sustentado o plano econômico até agora, o real continua valorizado frente ao dólar, o que faz com que os

juros continuem elevados para atrair capitais externos e compensar a redução dos saldos comerciais (exportações superando importações). Nesse cenário, o país não cresce e as indústrias não empregam.

Paulo Guedes concorda mas, em sua opinião, bastaria que as privatizações fossem aceleradas para que os investimentos externos dessem um salto imediato dos US\$ 4 bilhões atuais para mais de US\$ 10 bilhões. Com isso, os juros poderiam baixar e o câmbio subiria naturalmente. "O Chile esnobou o capital de curto prazo, porque realizou as reformas de uma vez", afirma.

A forte presença de capital especulativo que engorda as reservas em dólar do país também preocupa o economista Aluísio Teixeira, da UFRJ. "Qualquer centelha no mercado financeiro internacional pode provocar um desequilíbrio grave aqui", alerta. Mas o maior problema é que o governo tem de emitir moeda para comprar os dólares que entram no país. Os reais emitidos são substituídos depois por títulos públicos, aumentando a dívida.

A saída para o atual dilema da economia brasileira não passa, segundo Aluísio, pelas privatizações: "Não se pode dirigir o país como uma empresa, preocupado apenas com rentabilidade dos ativos. O governo deve dar um direcionamento estratégico à economia. Não acredito que o capital externo será atraído apenas pelas reformas".

Reinaldo Gonçalves, também da UFRJ, concorda com Aluísio e ressalta que as reformas necessárias não são as propostas atualmente pelo governo: "Precisamos de uma política industrial, agrícola, fundiária, de distribuição de riqueza e aí sim também uma reforma fiscal e tributária". Os juros altos foram duramente criticados por Gonçalves, que considera essa política "obsessiva, paranóica".

Amadeo discorda. Depois da crise do México, a política monetária era a única saída. "Quando alguém está se afogan-

do, não adianta planejar o que fazer quando se salvar. Primeiro, é preciso não se afogar". Ele considera positivo o uso das reformas para atrair investimentos estrangeiros, mas questiona a ideia de que o ajuste nas contas públicas seria um impulso para o crescimento. "Uma política fiscal contracionista também teria reflexo no nível de atividade econômica. Substituir os juros altos pelo ajuste é positivo, mas isso não significa voltar a crescer", ressalta.

A retomada virá, segundo Guedes, com o fim dos entraves burocráticos, redução de impostos e encargos e com o fim dos monopólios. "Estamos diante de uma nova lógica. O Estado não tem mais como investir", argumenta. Aluísio contesta: "Há setores que são monopólios naturais, como as telecomunicações. Se não forem monopólios públicos, serão privados. O que precisamos é buscar uma nova lógica entre esses dois setores".

"Estabilização sozinha não trará investimentos"

Edward Amadeo



Fotos de Paulo Nicoletti



JORNAL DO BRASIL

ONLINE

Instruções na página 6 do 1º caderno

Íntegra do Balanço na 17210